

Sobre História, de Eric Hobsbawm. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Valter Pomar*

Sobre História, o livro mais recente de Eric Hobsbawm, reúne um prefácio e 22 ensaios, escritos entre 1968 e 1997, dos quais apenas seis nunca tinham sido publicados até agora. A maioria deles (16) foi apresentada originalmente em conferências, colóquios e aulas magnas.

Diferentemente de outras coletâneas de Hobsbawm disponíveis em português, esta é “sobre história”, ou seja, reúne ensaios que têm em comum o fato de abordarem diferentes aspectos do debate acerca da natureza da história (nos dois sentidos da palavra).

Toda a obra de Hobsbawm é explicitamente atravessada por essa preocupação, digamos, metodológica. Professor desde 1947, ele organizou seu primeiro livro em 1948 e defendeu sua tese de doutoramento em 1950. Desde então, produz copiosamente. Só no Brasil, teve publicadas as seguintes obras: *Capitão Swing*, *A Invenção das Tradições*, *da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*, *Rebeldes Primitivos*, *Os Bandidos*, *Mundos do Trabalho*, *Os Trabalhadores*, *Revolucionários*, *Estratégias para uma Esquerda Racional*, *Ecos da Marselhesa*, *A Era das Revoluções*, *A Era do Capital*, *A Era dos Impérios*, *Era dos Extremos: o Breve Século XX*, além de um livro sobre jazz e a coleção *História do Marxismo*, da qual foi organizador.

Esta produção, concentrada em dois grandes temas (classes trabalhadoras e história mundial), fez de Hobsbawm um dos mais conhecidos e importantes historiadores da atualidade. Algo que não deixa de

* Mestrando em história econômica pela Universidade de São Paulo.

ser irônico e surpreendente, nesses tempos de renegados e convertidos, já que Hobsbawm nunca escondeu sua dupla condição de marxista e comunista. Situação equivalente, talvez, só a de José Saramago.

O marxismo de Hobsbawm não tem nada de pós-moderno: “o que a história pode fazer é descobrir os padrões e mecanismos da mudança histórica em geral, e mais particularmente das transformações das sociedades humanas durante os últimos séculos de mudanças radicalmente aceleradas e abrangentes. Ora, um projeto dessa ordem exige uma estrutura analítica para a análise da história. Essa estrutura deve estar baseada no único elemento observável e objetivo de mudança direcional nos assuntos humanos, isto é, a capacidade persistente e crescente da espécie humana de controlar as forças da natureza por meio do trabalho manual e mental, da tecnologia e da organização da produção. Aqui reside a importância crucial de Karl Marx para os historiadores, porque ele construiu sua concepção e análise da história sobre essa base. E isso significa, basicamente, uma concepção materialista da história”.

Há, mesmo entre os marxistas, quem considere Hobsbawm um “ortodoxo”. Claro que sua ortodoxia nada tem a ver com os manuais, mas para os padrões elásticos atualmente em voga, ele chega a ser chocante. Como ninguém coloca em dúvida a qualidade de sua obra, há duas alternativas: ou estamos diante de um caso de esquizofrenia teórica, ou é exatamente o alicerce “ortodoxo” que sustenta seu trabalho de historiador.

Além desse tipo de debate teórico, *Sobre História* contém importantes reflexões sobre a finalidade e as consequências do trabalho do historiador. Em alguns momentos, é como se Hobsbawm estivesse preocupado em oferecer orientações de “ética profissional”.

Por exemplo: no primeiro ensaio, originalmente uma palestra para estudantes, ele diz que “os governos, o sistema econômico, as escolas, tudo na sociedade, não se destina ao benefício das minorias privilegiadas. Nós podemos cuidar de nós mesmos. É para o benefício da grande maioria das pessoas, que não são particularmente inteligentes ou interessantes, não têm um grau elevado de instrução, não são prósperas ou realmente fadadas ao

sucesso, não são nada de muito especial. É para as pessoas que, ao longo da história, fora de seu bairro, apenas têm entrado para a história como indivíduos nos registros de nascimento, casamento e morte. Toda sociedade na qual valha a pena viver é uma sociedade que se destine a elas, e não aos ricos, inteligentes e excepcionais, embora toda sociedade em que valha a pena viver deva garantir espaço e propósito para tais minorias. Mas o mundo não é feito para o nosso benefício pessoal, e tampouco estamos no mundo para nosso benefício pessoal. Um mundo que afirme ser esse seu propósito não é bom e não deve ser duradouro”.

Hobsbawm possui um sentido muito prático acerca dos efeitos da história (nos dois sentidos da palavra) sobre as pessoas, inclusive sobre si mesmo, como sabem os que leram a Introdução de *A Era dos Impérios*, onde ele afirma ser “extremamente improvável que um encontro assim (entre sua mãe austríaca e seu pai inglês, no Esporte Clube dos arredores de Alexandria) tivesse acontecido num lugar assim, ou que tivesse levado ao casamento entre duas pessoas assim em qualquer outro período (anterior) da história”.

Ou ainda: “todo historiador tem seu próprio tempo de vida, um poleiro particular a partir do qual sondar o mundo. Meu próprio poleiro é constituído, entre outros materiais, de uma infância na Viena dos anos 20, os anos da ascensão de Hitler em Berlim, que determinaram minhas posições políticas e meu interesse pela história, e a Inglaterra, e especificamente a Cambridge dos anos 30, que confirmaram ambos”.

Essa percepção aguda e pessoal dá a algumas de suas reflexões um sentido quase melancólico: “Grande parte de minha vida, talvez a maior parte de minha vida consciente, foi dedicada a uma esperança que foi claramente desapontada, e para uma causa que evidentemente fracassou: o comunismo iniciado pela Revolução de Outubro”. Mas, apoiando-se no professor Reinhard Koselleck (para quem “no curto prazo a história pode ser feita pelos vencedores. No longo prazo, os ganhos em compreensão histórica têm advindo dos derrotados”), Hobsbawm conclui que “o fim deste milênio deve inspirar muita história boa e inovadora. Isto porque, à medida que o

século termina, o mundo está mais cheio de pensadores derrotados preocupados com uma variedade muito ampla de insígnias ideológicas que de pensadores triunfantes – principalmente entre aqueles com idade suficiente para terem longas memórias”.

Além do debate teórico e da discussão sobre o mister do historiador, *Sobre História* contém uma análise sobre os desafios atuais do movimento socialista: “durante a maior parte da história, o mecanismo básico para o crescimento econômico foi a apropriação do excedente social. O crescimento operava por meio da desigualdade. Isso foi compensado, até certo ponto, pelo enorme crescimento na riqueza total. (Os produtores partilhavam dos benefícios) mediante a participação no processo produtivo. Suponhamos agora que a maioria da população não seja mais necessária para a produção. É provável que aumente e intensifique a desigualdade econômica e outras, como a desigualdade entre a maioria supérflua e os demais”.

“Após cerca de 150 anos de declínio secular, a barbárie esteve em crescimento durante a maior parte do século XX e não há nenhum indício de que esse crescimento esteja no fim”.

“O Manifesto Comunista ainda tem muito a dizer ao mundo às vésperas do século XXI. O mundo transformado pelo capitalismo que ele descrevia em 1848 é reconhecidamente o mundo no qual vivemos 150 anos depois. O Manifesto é um documento que levava em conta o fracasso. Esperava que o resultado do desenvolvimento capitalista fosse uma reconstituição revolucionária da sociedade em geral mas, como já vimos, não excluía a alternativa: ruína comum. Muitos anos depois, outro marxiano reformulou a frase como a escolha entre socialismo e barbárie. Qual deles prevalecerá é uma pergunta que devemos deixar para o século XXI responder”.

Tomadas em conjunto, as reflexões sobre a história, sobre os historiadores, sobre os desafios presentes e futuros contidas em *Sobre História* compõem uma espécie de testamento, que está longe de ser pessoal. Afinal, Hobsbawm é apenas o mais destacado dos historiadores marxistas

britânicos, grupo que incluiu Maurice Dobb, E.P. Thompson, Christopher Hill, Rodney Hilton, entre outros que serviram e servem de referência para diversas gerações de historiadores.

Este grupo aprendeu a ver na história “o suor, o sangue, as lágrimas e os triunfos da gente comum, de nossa gente”. Cada qual a seu modo, todos beberam na fonte do marxismo. Desenvolveram uma cooperação intensa, que prosseguiu mesmo depois que parte deles saiu do Partido Comunista. Eruditos, mostraram-se capazes de trabalho duro, muita pesquisa e uma enorme capacidade de interagir com outros ramos do saber e com outras escolas de pensamento. Há quem os considere portadores de uma ou mais tradições teóricas (a esse respeito, seria importante que alguma editora traduzisse *Os Historiadores Marxistas Britânicos*, de Harvey J. Kaye).

Os marxistas britânicos, entre eles Hobsbawm, constituem hoje uma espécie de “padrão de qualidade” para as atuais e futuras gerações de historiadores. Que enfrentarão um desafio enorme: afinal, se é verdade que “os ganhos em compreensão teórica provêm dos derrotados”, é verdade também que as derrotas sofridas pelo movimento socialista nos últimos anos foram intensas, e os danos intelectuais ainda maiores. Como sabe qualquer professor secundário, ou simplesmente alguém que leia sobre a qualidade de nossos livros didáticos, muito esforço terá que ser feito até mesmo para garantir um ensino regular de história mínimo e decente.

Pelo menos no caso do Brasil, a maioria das pessoas, inclusive os estudantes universitários, lêem menos e estudam menos ainda. As academias fornecem condições de trabalho excessivamente precárias. As organizações dos trabalhadores (partidos, sindicatos etc) dedicam poucos recursos para as atividades teóricas. Aliás, parte da esquerda está mais preocupada em ocupar o seu lugar na ordem do que em subvertê-la, inclusive intelectualmente. Amplos setores da intelectualidade converteram-se em porta-vozes do capitalismo, outros regrediram para uma crítica utópica ao capitalismo. Os que se mantêm marxistas ainda não dispõem de uma análise global do capitalismo contemporâneo, necessária para embasar uma alternativa socialista. Que agora precisa incluir, também, um balanço das

tentativas de construir o socialismo ocorridas no século XX. Nesse contexto, as chances de a “derrota converter-se em compreensão teórica” são tão grandes quanto as de converter-se em qualquer outra coisa.

Qualquer que seja o futuro, e independentemente do que ele ainda nos ofereça, já valem para Hobsbawm as palavras que ele dedicou a Marx, no prefácio de *Sobre História*: “mesmo que eu achasse que grande parte da sua abordagem da história precisasse ser jogada no lixo, ainda assim continuaria a levar em consideração, profunda mas criticamente, aquilo que os japoneses chamam de um *sensei*, mestre intelectual para quem se deve algo que não pode ser retribuído”.